

RETIFICAÇÃO SUBJETIVA: OS CONTRAPONTO ENTRE A CLÍNICA PSICANALÍTICA E A EPISTEMOLOGIA HISTÓRICA

*Marcio Luiz Ribeiro Bacelar
Wilson Camilo Chaves*

A expressão *retificação subjetiva* está presente tanto nas formulações de Gaston Bachelard (1928/2004) acerca de sua epistemologia histórica quanto nos textos psicanalíticos. Nosso intuito é investigar tal expressão em ambos os sistemas de pensamento, ou seja, saber se ela consiste em um conceito, para então, verificarmos se há aproximações e/ou afastamentos conceituais. Como consequência deste contraponto entre a Epistemologia Histórica e a Psicanálise temos uma consistência conceitual tanto sobre a atuação do epistemólogo frente ao sentido do problema concernente a atividade científica quanto para o psicanalista em seu manejo clínico.

Utilizaremos como ferramenta metodológica, portanto, a noção de *conceito* apresentada por Bachelard (1928/2004): “O conceito, elemento de uma construção, só tem sentido pleno numa construção” (p.23). Ou seja, o conceito é aquilo que só adquire sentido dentro de um conjunto formalizado de argumentos, que estabelecem uma relação lógica entre si e que são desprovidos de sentido quando considerados isoladamente. E mais adiante no mesmo texto, o autor prosseguiu:

Apresentar um conceito isoladamente não é pensar. Às vezes, a noção é apresentada como um ato simples do espírito. Diz-se por exemplo, 'consideremos o conceito de homem'. Isso apenas abre uma expectativa. O pensamento só começa com a linguagem, é contemporâneo da junção dos conceitos (BACHELARD, 1928/2004, p.23).

Nesse sentido, a *retificação subjetiva* é um conceito para ambos os conjuntos de argumentos?

Começamos pela Epistemologia Histórica. Uma das noções fundamentais apresentada por tal conjunto de argumentos é a noção de ruptura. A atividade científica começa com uma ruptura ou descontinuidade com o saber do senso comum. Desde seu surgimento, a ciência choca o senso comum. Isso porque, o trabalho científico vai para além de uma mera observação da natureza. As formulações do campo científico de problemas, tais como o *heliocentrismo* de Copérnico (1473/1543), vão em direção oposta aos saberes sedimentados do senso comum. Outra ruptura que a ciência deve realizar diz respeito a uma ruptura interna ao próprio saber científico. Para Bachelard, só podemos pensar o desenvolvimento da ciência através de rupturas e descontinuidades, ou seja, desenvolvimento desprovido de um caráter acumulativo do conhecimento. Um exemplo disso é a ruptura existente entre a mecânica newtoniana e a física relativista de Einstein (1879/ 1955), pois as considerações acerca do eixo espaço e tempo seguem diferentes sentidos do problema entre tais cientistas.

Além da ruptura, outra noção importante da epistemologia bachelardiana é a noção de *erro*. Para Bachelard (1928/2004): “O erro é uma fase dialética que precisa ser transposta. Ele suscita uma investigação mais precisa, é o motor do conhecimento” (p. 251). O erro, portanto, é fecundo. Ele aparece, primeiramente, como uma contingência no resultado de uma experiência científica e, à primeira vista, deve ser rechaçado. Mas, ultrapassada a primeira experiência, percebe-se que tal erro é dotado de uma série de determinações e de uma lógica. Então, é através da retificação dos primeiros erros que a pesquisa científica avança.

Em seu livro *A Formação do Espírito Científico*, Bachelard (1938) comentou que o Espírito quando se apresenta a cultura científica é velho, pois tem a idade de seus preconceitos. A primeira experiência com o objeto sempre fracassa, ela se caracteriza por ser um dos obstáculos epistemológicos, pois o pesquisador tende a tomá-lo como uma

realidade pronta, pois quando na verdade projeta no objeto seus desejos e predileções subjetivas. “Mas por nossa primeira escolha, o objeto nos designa mais do que o designamos, e o que julgamos nossos pensamentos fundamentais são amiúde confidências sobre a juventude de nosso espírito” (BACHELARD, 1949/1994, p.1). Por essa razão, uma construção objetiva só pode ser realizada através de uma retificação subjetiva, ou seja, através de uma dessubjetivação do campo científico de problemas. A noção de retificação subjetiva, em outras palavras, a dessubjetivação do conhecimento científico, se apresenta como um conceito na Epistemologia Histórica que guarda relações com a depuração do conhecimento objetivo e com o ultrapassamento de obstáculos epistemológicos, produzidos pela atuação de uma ‘subjetividade não retificada’.

A retificação também está relacionada com o *primado teórico do erro*. Pois a pesquisa só avança a partir das retificações daquilo que aparece como contingente ou como um detalhe. Nesse sentido, o conceito de retificação é o que está entre o Espírito e a Realidade, isso porque a Realidade, para Bachelard, não pode ser pensada separada da contingência ou daquilo que é considerado erro.

Mas e na psicanálise, como podemos pensar a noção de *retificação subjetiva*?

Um dos conceitos fundamentais da psicanálise é conceito de inconsciente. Freud inventou tal conceito para dar conta dos fenômenos que ele observava em sua clínica, tais como as paralisias histéricas, e que o saber médico não dava respostas, já que não havia para tais fenômenos um marcador biológico.

A hipótese do inconsciente se justifica porque os dados da consciência são repletos de lacunas e a maior parte dos fenômenos psíquicos não passam pelo seu crivo, bem como as manifestações inconscientes, como por exemplo, o sonho, o ato falho, o chiste. Freud, ao analisar essas manifestações, postulou a idéia de que tais fenômenos são dotados de uma lógica, de um mecanismo próprio de atuação. A esse respeito, Jacques Lacan

(1964/1985), em seu Seminário XI, proferiu: *“No sonho, no ato falho, no chiste – o que é que chama a atenção primeiro? É o modo de tropeço pelo qual eles aparecem. (...) Numa frase pronunciada, escrita, alguma coisa se estatela”* (p.32).

Como as coordenadas do sistema inconsciente são opostas às do consciente, as manifestações inconscientes aparecem para o sujeito como um erro não intencional, o que pode vir a colocá-lo em situações embaraçosas e/ou engraçadas como é o caso dos atos falhos e dos chistes. Freud, portanto, considerou o erro ou o que falha como mola propulsora da teoria psicanalítica.

O sintoma também é uma manifestação inconsciente, ele é uma formação de compromisso, pois quer atender às exigências das instâncias psíquicas Eu e Isso. Para a psicanálise, o aparelho psíquico comporta um conflito entre essas duas instâncias, no qual o Eu se mostra como uma organização coesa da vida mental. O Eu detém o controle da censura onírica e é dele também que procedem os recalques. Segundo Freud (1923/1996): *“Por meio deles [recalques], o Eu faz com que determinadas tendências psíquicas sejam excluídas, não só da consciência, mas também impedidas de se imporem ou agirem por outros meios”* (p.31).

Quando as associações de um sujeito em análise começam a se aproximar do material recalcado, através do manejo do analista, aparecem concomitantemente às resistências provindas do Eu, que o impedem de perceber sua participação ativa na constituição de seu sintoma. O primeiro passo, portanto, na direção do tratamento em psicanálise é a implicação do sujeito naquilo que ele apresenta como sintoma, em outras palavras, *“primeiro e antes de tudo, o início do tratamento em si ocasiona uma mudança na atitude consciente do paciente para com sua doença”* (FREUD, 1914/1996, p.167). O analista deve dar condições ao sujeito para este vincular o que é dito em análise e sua posição subjetiva, ou seja, o analista deve dar condições para que seja feita a retificação

subjetiva. Conforme Lacan: “essa retificação em Freud é dialética e parte dos dizeres do sujeito para voltar a eles, o que significa que uma interpretação só pode ser exata se for... uma interpretação” (1958/1998, p.607).

Como pudemos verificar, a noção de retificação subjetiva tem seu lugar tanto na Epistemologia quanto na Psicanálise, no entanto, teríamos algum ponto em comum, um espaço de interface entre as duas formas de se utilizar deste conceito?

O sujeito, ao qual a psicanálise se refere, é aquele que infraciona o princípio de razão que Leibniz formulou. Este princípio, conforme nos mostra Miller (1987), tem como fundamento a idéia de que “tudo tem uma razão” e “não há nada sem razão, sem causa” (MILLER, 1987/1999, p.255). O sujeito da psicanálise infraciona tal princípio, porque ele se caracteriza por uma falta-a ser, por uma desorientação, pois além de não haver nenhum discurso que lhe dê garantias de como agir no mundo, ele também está sujeito às contingências de sua existência. Conforme Miller (1987/1999): “Vivemos num mundo estruturado pela ciência, que é dirigida pelo princípio da razão; que é coerente com a emergência da psicanálise, do psicanalista que recebe as queixa da falta de justificação para o existir” (p.256).

Já o conhecimento científico, que funciona a partir do racionalismo aplicado e empirismo lógico, não se coloca o problema da orientação humana, pelo contrário, as questões relativas aos desejos e predileções subjetivas se apresentam como obstáculos epistemológicos, por isso a retificação subjetiva, que neste caso se refere a uma dessubjetivação do conhecimento científico, se faz necessária para aproximar o Pensamento da Realidade. Nesse sentido, a consequência de o racionalismo científico não abarcar questões relativas à orientação humana é fazer surgir um sujeito que se caracteriza pela desorientação. Portanto, é o sujeito que o racionalismo científico não abarca que a clínica psicanalítica se propõe a tratar.

Essa forma de compreender a relação do sujeito com a ciência marca a diferença radical existente entre as duas formas de se utilizar da noção de retificação subjetiva. Pois, enquanto para a Psicanálise a retificação subjetiva convoca o sujeito a se implicar em sua queixa, para fazê-lo ocupar um lugar de agente em sua vida, na Epistemologia Histórica a retificação subjetiva refere-se à necessidade de uma retirada do sujeito no que tange a construção de seus argumentos lógicos.

Mas por outro lado, em ambos os conjuntos de argumentos podemos situar, em contraposição a retificação subjetiva, uma certa resistência advinda de uma ilusão de imagem coesa do objeto. Em outras palavras, tanto o sujeito em análise quanto o cientista resistem em abandonar sua identificação com objeto, sendo ela o próprio Eu, no caso do sujeito em análise, ou sendo ela um objeto de estudo científico. Nesse sentido, para a Epistemologia Histórica, a experiência primeira está contaminada por nossos preconceitos que precisam ser psicanalisados, o que em outras palavras que dizer retificar o sujeito do conhecimento científico. Consideramos esses obstáculos, como o preconceito e a experiência primeira como características de um espírito conservativo, o qual prefere manter o conhecimento enrijecido e considera a contingência e o detalhe como erros que precisam ser excluídos da experiência. Dessa forma, verificamos um aspecto narcísico do espírito conservativo, pois ele se apegava a imagem primeira que faz do objeto, considera essa imagem como coesa e acabada e não possibilita uma construção sobre aquilo que aparece como contingente na experiência científica. Por essa razão, o narcisismo se apresenta como obstáculo para a retificação subjetiva na Epistemologia Histórica. Na psicanálise, a retificação subjetiva promove uma mudança de posicionamento do sujeito frente ao sintoma, é quando ele percebe sua participação na constituição de seu mal-estar. O Eu, como um precipitado de identificações mal sucedidas, trabalha a partir de um movimento narcísico, para a preservação da ilusão de uma imagem coesa e de uma

manutenção da situação em que se encontra. Assim, tenta impedir que o sujeito perceba a radicalidade de sua falta-a-ser, a qual faz fracassar as tentativas de unificação subjetiva.

Portanto, por atribuir uma lógica para aquilo que aparece à primeira vista como erro ou contingência, Bachelard e Freud criaram sistemas de pensamento que necessariamente levam em conta o movimento da retificação subjetiva a qual, para além das especificidades para as quais apontam os diferentes sentidos do problema, a resistência, dotada de um substrato narcísico, tenta impedir.

Este foi o resultado do segundo ano de pesquisa realizado de agosto de 2009 a julho de 2010 e que se inseriu na linha do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Psicanálise da Universidade Federal de São João Del Rei, cadastrado no diretório de grupos de pesquisa do CNPq sob o título: “Estudos Psicanalíticos, pesquisa e extensão”. Vislumbramos como consequência deste contraponto uma articulação coerente entre as teorias que nos permitiu esclarecer tanto a atuação do epistemólogo em seu discurso sobre o saber científico bem como o manejo clínico do psicanalista.

BIBLIOGRAFIA

BACHELARD, G. **Ensaio sobre o conhecimento aproximado** (1928). Contraponto: Rio de Janeiro, 2004.

_____. **A formação do espírito científico** (1938). Contraponto: São Paulo, 1996.

_____. **A Psicanálise do Fogo** (1949). Martins Fontes: São Paulo, 1994.

FREUD, S. Recordar, repetir e elaborar (1914) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas Psicológicas de Sigmund Freud**. Imago: Rio de Janeiro, 1996.

_____. Dois verbetes de enciclopédia (1923) In: **Edição Standard Brasileira das Obras Completas Psicológicas de Sigmund Freud**. Imago: Rio de Janeiro, 1996.

LACAN, J. Direção do tratamento (1958) In: **Escritos**. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 1998.

_____. **O Seminário XI: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise** (1964). Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 1985.

MILLER, J. Introdução ao inconsciente (1987) In: **Lacan elucidado: palestras no Brasil**. Jorge Zahar Editor: Rio de Janeiro, 1999.

SOBRE OS AUTORES

Marcio Luiz Ribeiro Bacelar. Graduando (10º período) em Psicologia pela Universidade Federal de São João Del-Rei – UFSJ; Pesquisador PIBIC/CNPq.

Wilson Camilo Chaves. Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFSJ. Doutor em Filosofia pela UFSC.